This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

BX
3742
.A5

B 473930

MENDES DOS REMEDIOS

CARTA EXHORTATORIA

AOS

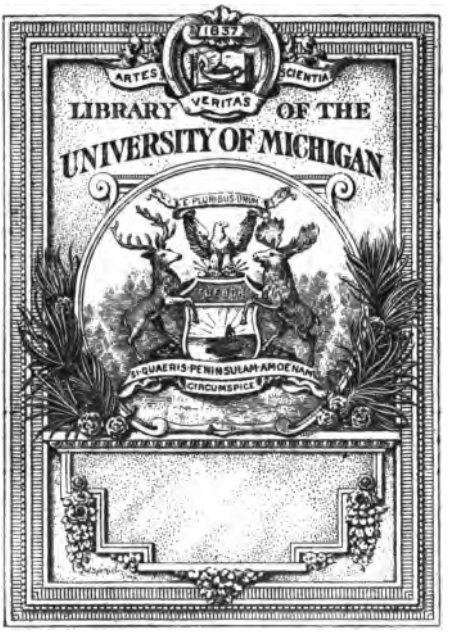
PADRES DA COMPANHIA DE JESUS

DA

PROVINCIA DE PORTUGAL

[Propriedade e edição da Bibliotheca da Universidade de Coimbra]

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1909



THE GIFT OF
Coimbra Univ.

CARTA EXHORTATORIA

AOS

PADRES DA COMPANHIA DE JESUS

DA

PROVINCIA DE PORTUGAL

MENDES DOS REMEDIOS

CARTA EXHORTATORIA

AOS

PADRES DA COMPANHIA DE JESUS

DA

PROVINCIA DE PORTUGAL

[Propriedade e edição da Bibliotheca da Universidade de Coimbra]

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1909

BX
3712
.A5

Separatas do *Archivo Bibliographico da Bibliotheca da Universidade de Coimbra:*

I — **Uma Biblia Hebraica,** 1903, 1 folh. (16 pag. com grav.), 210×126.
II — **Moedas Romanas** (Ensaio de catalogo), 1905, 1 folh. (74 pag.), 175×99.
III — **As «Horas de Nossa Senhora»,** 1906, 1 folh. (22 pag.), 175×99.
IV — **Philomena de S. Boaventura,** 1907, 1 folh. (39 pag.), 175×99.
V — **Carta exhortatoria aos Padres da Companhia de Jesus da Provincia de Portugal,** 1909, 1 folh., 175×99,

INTRODUCÇÃO

Um dos mais raros escriptos de auctor portugues — dos mais raros e dos mais ignorados — é, sem duvida, aquelle cujo titulo começa por estas palavras: *Carta exhortatoria*... Quem terá logrado folhear algum exemplar? Quem terá tido a paciencia de lhe lançar olhos prescrutadores? Entretanto esse escripto merece exhumado do longo e profundo lethargo em que tem jazido. Subscreveu-o por ventura uma penna illustre, das que mais batalharam por immortalizar e engrandecer aquelles que ás luctas incruentas do pensamento consagraram todos os momentos da sua actividade. Elle prende-se, por outro lado, a uma das mais vivas, mais faiscantes e mais tempestuosas luctas pedagogicas que tem agitado o meio intellectual portugues.

Houve um periodo em que o ensino escolar e official do nosso país se devidiu, por assim dizer, em dois partidos irreconciliaveis, aggredindo-se mutuamente com todos os apodos que a subtil casuistica de theologos medievos podia descobrir e pôr em fóco. Nenhuma tregoa de parte a parte. Nenhuma concessão. Nenhuma

243662

tolerancia. É que a questão pedagogica encobria uma questão mais delicada — o predominio d'uma classe que aspirava a ter o mando e dominio das consciencias. Com effeito, os Jesuitas, uma vez admittidos em Portugal, tinham começado, mercê de circunstancias que não vem para aqui discutir, a dominar na religião, na politica e na escola. Em 1555 era-lhes confiado o ensino das humanidades, e menos d'uma decada depois apparecia um livro pelo qual se moldaria todo o ensino secundario, e que ficaria sendo o fulcro em volta do qual ia girar todo o ensino classico — era uma *Grammatica latina* e em latim escripta, successivamente impressa em Lisboa em 1572, em Veneza em 1585, em Evora em 1596 e ainda nesta mesma cidade em 1751 com illustrações de Ant. Vellez, e ainda depois mais vezes reimpressa. O livro saía com o titulo *De Institutione Grammatica lib. III* e era seu auctor o jesuita madeirense Manoel Alvarez († 1583). Tal foi o enthusiasmo em volta d'esse livro que, a breve trecho, começaram a apparecer os commentarios, as apostillas, as explicações e todas quantas congeminações abstrusas aprouve á sabedoria dos mestres. Alludindo a este facto, escreve o implacavel Verney: «sei que em outras partes onde se explica a Grammatica de Manoel Alvarez tambem lhe accrescentam algum livrinho, mas tantos como em Portugal nunca vi. As declinações dos nomes e verbos estudam pela grammatica latina; a esta se segue um *Cartapacio* portugues de Rudimentos; depois outro, fóra generos e preteritos, muito bem com-

prido; a este um de syntaxe bem grande (por José Soares, Lisboa, 1689, 4.º); depois um livro a que chamam *Chorro* e outro a que chamam *Promptuario* pelo qual se aprendem os eschólios dos nomes e verbos; e não sei que mais livro ha» (1).

D'entre os mais applaudidos d'estes commentarios podem citar-se a *Explicatio in omnes partes Artis P. Alvaris,* Ulyssip., 1724 e a *Arte explicada,* ibid., 1730-35, 4 vols., ambos de João de Moraes de Madureira Feijó (2).

Estava creado um methodo — o methodo *alvaristico,* que despoticamente dominou nas escolas até o apparecimento das *Instrucções Regias* de 1759, que prohibiram o uso exclusivo da *Arte* de Alvarez dando assim a mais valente machadada no feitiço. Essas medidas regulamentares, de pouca efficacia todavia (3), tinham sido precedidas de irreverentes analyses criticas tendentes a demonstrar os defeitos e imperfeições do processo grammatical dos jesuitas. Quasi toda essa polemica tem como centro a obra do erudito Luís Antonio Verney, o sabio e destemido *Barbadinho,* que ousou arcar com a soberana ignorancia da escola official da maioria do país, que seguia, como um rebanho de Panurgio, o trilho indicado pelos seus directores espiri-

(1) *Verdadeiro Methodo de Estudar,* Carta I.

(2) José Vicente Gomes de Moura, *Noticia succinta dos monumentos da lingua latina...*, Coimbra, 1823, pag. 354.

(3) Id., ibid., pag. 356.

tuaes. O seu *Verdadeiro methodo* foi o grito de guerra. Quando elle soou surgiram do seu tumulo, em defesa do totem, todos os argumentos, todas as subtilezas, todos os trocadilhos, todas as apostrophes, todos os dicterios. Mas em Verney havia sciencia e lucidez, erudição e vivacidade. Ao seu lado Cenaculo, esse «poço sem fundo e sem lodo» — na phrase do grande Marquês de Pombal, batalhava o são combate. Ao seu lado estavam tambem os Oratorianos.

*

Chegamos ao ponto. Os Congregados do Oratorio eram rivaes da *Companhia*. A piedade do fundador da Congregação — Bartholomeu do Quental — não salvava os seus filhos espirituaes das invejas e maledicencias dos jesuitas, desde que elles lhes surgiam pela frente como estorvo ás suas idéas de dominação absoluta.

Os Oratorianos eram estudiosos, eruditos, defensores e apologistas de novos methodos e doutrinas escolares. Cabe-lhes a gloria de se terem «subtrahido ao jugo das opiniões peripateticas e dos methodos dominantes com o fim de seguirem idéas mais razoaveis, mais liberaes e mais proprias para desviarem os espiritos de inuteis e quimericas abstracções e o conduzirem ao caminho da sã philosophia» (1). As suas aulas

(1) Cardeal Saraiva, *Obras completas*, X, 292.

eram concorridas e ás escolas por elles estabelecidas em Lisboa nas casas da congregação do Oratorio de S. Filippe Neri, desde os principios do seculo, fôra assistir, uma vez, o proprio monarcha, curioso de seguir algumas experiencias com auxilio de apparelhos, de certo novidade, então, em Portugal. Humanistas famosos tinha-os e basta citar o já alludido Fr. Manoel do Cenaculo e o P. Antonio Pereira de Figueiredo — uma prestigiosa figura de theologo bem pouco comprehensivel na esterilidade dos estudos portugueses. Tinham tambem os Oratorianos bons latinistas como o P. Antonio dos Reis e o P. Manoel Monteiro, auctor do *Novo methodo para se aprender a Lingua latina,* Lisboa, 1751. Pereira de Figueiredo publicou tambem o *Novo methodo de grammatica latina* que saiu em Lisboa em 1752-53 e que alcançou grande voga. Ahi fazia-se uma critica acerba aos *Alvaristas* accusando-os de incongruencias, erros e imperfeições, o que tudo redundava na deminuição do prestigio até então por elles fortemente gozado e applaudido. A réplica não se fez esperar apparecendo sob o cryptonimo de Manoel Mendez Moniz um *Antiprólogo critico e apologetico,* Lisboa, 1753. Silverio Silvestre Silveira da Silva, pseudonymo de Manoel José de Paiva (1), escreveu tambem o *Antidoto gramatical, balsamo preservativo da corrupção da lingua latina ou curioso descobrimento dos principaes erros, barbaridades, e incoherencias do*

(1) Innocencio, *Dicc. Bibl.,* VI, 31.

novo Methodo para aprender a dita Lingua... Valencia, 1750, 1 vol., etc.

É a este periodo de effervescencia literaria que vai prender-se o escripto que hoje publicamos com o titulo de *Carta Exhortatoria.*

Elle traduz indubitavelmente um estado de espirito um pouco longe da serenidade, indispensavel sempre quer na critica das pessoas, quer na das instituições, quer para os acontecimentos preteritos, quer para os contemporaneos. Mas, além de que as suas affirmações sam sempre confirmadas com bastos testemunhos, na vivacidade do èstylo, na ousadia da linguagem, na liberdade das apreciações, que offerece tam singular contraste com tantos outros escriptos de natureza congenere, é que está, iamos dizer, o seu principal merito. Vê-se que estamos em presença d'um erudito, que é simultaneamente um floretista da lingua.

E de quem é a *Carta?* de Barbosa Machado? Assim o affirma Innocencio. Pois, bom velhote, em boa verdade te digo que bem andaste em esconder o teu nome. Tu se nô-lo fizesses soletrear, èsse teu imperecivel nome, ajoujado de tantos immortaes, na portada do teu iconoclasta opusculo, não deixarias, solerte, cair da tua penna este retrato do Padre Mestre Francisco Duarte — «um charlatão ridiculo, um artifice satyrico, um lobishomem de noites atticas, um cathedratico de pulhas, um maledico Proteo, e um animal indomito...». Bem sei. É duro. É demasiadamente irreverente. Tu fizeste estremecer de horror, e és por ventura o res-

ponsavel d'algum estupor hemiplegico que o assaltou, a esse erudito sensaborão que te respondeu em desaggravo da Companhia — o bom e inoffensivo, porém, Sr. Francisco de Pina e de Mello (1).

Depois, serias commedido, serias sobrio e respeitador e deixarias, assim, de expôr a ramelosa chaga purulenta, mercê do bisturi insensivel com que armaste a mão vingadora.

O teu livro foi supprimido: eis a justiça que te fizeram — summaria, prompta, decisiva.

Não tenho fundamento algum para contrariar a opinião do nosso benemerito bibliophilo que attribue a paternidade da objurgatoria ao seu predecessor. Innocencio esclarece, além d'isto, que os exemplares do opusculo fôram sequestrados e supprimidos salvando-se tam sómente tres (2). Onde o diserto escriptor cinca é na data que attribue ao opusculo — 1754. Importa recuar um anno pelo menos pelo que respeita á sua redacção, o que claramente se deduz da

---

(1) *Reposta compulsoria á Carta exhortatoria para que se retrate o seu Author das Calumnias que proferio contra os Reverendissimos Padres da Companhia de Jesus da Provincia de Portugal. E lha dedica Francisco de Pina, e de Mello, Moço Fidalgo da Casa Real, e Academico da Academia Real da Historia Portugueza.* (A dedicatoria está assignada de *Monte mór o Velho* a 26 de Junho de 1755). Este trabalho apologetico revela uma grande erudição e tornou-se rarissimo no mercado porque, diz Innocencio: «o seu auctor foi obrigado a supprimí-lo annos depois quando os jesuitas, cuja defesa elle tomara com grande calor, foram proscriptos e expulsos do reino». (*Dicc. Bibl.*, II, 145).

(2) *Dicc. Bibl.*, II, 145 e IX, 120.

sua leitura: «... deste presente anno de 1753...», escreve o auctor algures como o leitor poderá verificar. E já antes escrevera: «se em vinte e dois annos de nascida, á Companhia se extranhava o excesso da sua ambição, qual será quando conta *duzentos e treze annos* de idade». A approvação da Ordem pelo Pontifice Paulo III é de 1540. O auctor d'aquellas linhas escrevia, pois, em 1753. Não póde restar duvida. Porque estamos em presença senão d'um inédito, pelo menos, d'um documento que lhe equivale, e porque se trata, de mais, d'um valioso subsidio para a historia d'uma das mais curiosas pugnas literarias que regista a historia da literatura portuguesa, porque se trata, enfim, de objectos sempre vivos na historia social portuguesa — por isso se publica o curioso, rarissimo e bem elaborado escripto de Barbosa Machado.

CARTA EXHORTATORIA AOS PADRES DA COMPANHIA DE JESUS DA PROVINCIA DE PORTUGAL

REVERENDOS PADRES:

Retirado do tumulto da Corte, cujo clima foi sempre noçivo á innocencia dos costumes, escolhi para habitaçaõ hũa Aldeya situada na amena Prov.ª do Minho, onde livre de cuidados importunos vivo aplicado à liçaõ dos livros, em q.º consumo a maior p.te do tempo. Para alimentar esta curiosa propençaõ conservo em Lx.ª hum amigo m.to erudito, q.e me remette todas as produçoes Litterarias, assim em proza como em verso, q.º sahem impressas. Entre estas chegaraõ diversas invectivas contra a doutissima e exemplarissima Congreg.am de S. Filipe Neri. Teve ella o seu feliz berço na Metropoli do Mundo Catholico, a qual para eterno brazaõ da sua gloria produzio hum filho como Cesar Baronio mais eminente na virtude, que pella Purpura Romana à cujo laborioso disvelo deve a Igr.ª Catholica os seus Annaes, deixando por herdeiros de taõ ardua empreza aos Raynaldos, e Laderchis, q.e a continuaraõ com universal aplauso do orbe litterario. Trãsplantou a Portugal este Sagrado Instituto o V. P. Bartholomeo do Quental, cujo corpo se conserva incorrupto, merecendo por suas heroicas virtudes o estarse prezentem.te trattando da sua Beatificaçaõ na Curia Romana. Augmen-

touse com taõ admiraveis progressos esta nova Fundaçaõ, q.e chegou em breve tempo à competir com as mais florentes Comũnidad.es Religiosas, assim no exercicio das virtudes, como na applicaçaõ das Sciencias, destinguindose entre elles os Gomes, Bernardes, Farias, Curados, Pedrozos, Alvares e Ribeiros, insignes huns na Theologia Ascetica, e outros famosos na Escholastica, e Polemica. A modestia dos seus semblantes hè manifesto indicio da integridade dos seus costumes. Na prompta dilig.a, com q.e socorrem aos proximos, exhalaõ o charitativo fogo dos seus peitos, e nas vozes, q.e proferem do pulpito, e da cadeyra declaraõ fatal guerra aos vicios e à ignorancia. Vltimam.te p.a coròa de taõ veneravel Congreg.am se illustra no tempo prez.te a Cathedral de Vizeu com hum de seus Alumnos, onde exactamente practica as obrigaçoẽs do Officio Pastoral, e a de Elvas se nobilitaria com outro, se a sua profunda humildade depois de receber a Bulla Pontificia da sua Confirm.am, preferisse o silencio do seu cubiculo à pompa da Dignidade Episcopal. Para infamar a esta Cogreg.am taõ conhecida em Letras, e virtudes como della escreveo o vosso P. Antonio Cordeyro no *Loureto Lusitano* pag. 155. num. 439 sahio a campo hum ridiculo Charlataõ, o qual contando dezanove annos de vosso Alumno, he respeitado por vos erudito de muitos seculos por ter algũas tinturas das Linguas Franceza, e Italiana, taõ ignoradas entre vós, como a Grega, e Hebraica, que affectaes ensinar em Coimbra. Transformado este satirico artifice de Clandestinas invectivas, horrendo Lobishomem de Noutes Atticas, e Cathedratico de pulhas, extrahidas do Vocabulario dos Arrieyros, em maledico Protheo, saõ diversas as figuras, q.e toma, e varios os nomes com q.e se apellida p.a mais descaradam.te vomitar o veneno da sua petulante mordacidade; e imaginando eu, que sendo elle por Alcunha *Apostolo* se valesse para desafogo da sua colera do *Vos me coegistis* do Apostolo, que sendo das Gentes, nunca foi da Companhia de

Iesus, hè constantem.te certo que nem levem.te fora provocado por taõ exemplarissimos Padres, antes fechando as bocas, e cerrando os ouvidos à furiosa tempestade de tantos improperios, passaraõ de hũa prud.te tolerancia a hũa quasi indolencia estoica. Este virtuoso silencio e religiosa taciturnidade, que deveraõ ser freyos p.a a boca de animal taõ indomito, se lhe converteraõ em esporas para romper em mayores absurdos, atrevendose a empanar com o seu venenoso halito o cristal puro do irreprehensivel procedimento da Congreg.am do Oratorio. Como permitis, e abonaes, Reverendos Padres, estes libellos famosos, eternizados na impressaõ, onde violadas as leys da charidade he reo de culpa mortal seu Author, cauzando mayor assombro, q.e se compadeça a liberdade da sua consciencia, q.e manifesta nas suas obras, com o seu instituto de a examinar duas vezes cada dia? Porèm a estes abominaveis excessos concede amplo passaporte o vosso Probabilismo, fecundo monstro de enormes laxidoẽs, q.e chegaraõ à dar copiozo assumpto ao livro, q.e sahio no anno de 1606 intitulado: *Le passe par tout des Peres Jesuites.*

Protesto, que naõ sendo Congregado, nem alumno de algũa Familia religiosa me moveraó à escrevervos esta Carta a injustiça, e insolencia, com q.e perseguis, e infamaes a huns sacerdotes doutos, e virtuosos, sem outro motivo mais de q.e a sua sciencia hè superior á vossa. Esta pirola hàde ser sumam.te amargosa ao vosso paladar, mas haveis de tragalla, ainda q.e repugne o vosso altivo espirito, q.e vos reduzio ao miseravel estado, em q.e vos achaes. Evidente prova desta verd.e hè a eleyção que fizestes do author dos papeloens satyricos p.a Choronista da Prov.a Portugueza naõ sendo Professo de Quarto voto, q.e podendo ser expulso, se ocuparà no pio exercicio de acompanhar as tumbas. Em nobres composiçoẽs tem ensayado o estilo este individuo vago p.a merecer o Choronistado, porèm sabendo tecer hum xadres de

palavras, acompanhado de equivocos pueris, e metaphoras ridiculas, he capaz no vosso depravado conceyto de ensinar a Fr. Bernardo de Brito e a Fr. Luiz de Souza, Mestres da Historia Portugueza, porq.e naõ foraõ Jesuitas.

Naõ serà facil de crêr, q.e hum corpo taõ pequeno, como hè o dos Congregados, inquiete, e assuste a hum taõ numeroso, como o vosso, do qual grande p.te serve p.a reclutas de Coadjutores Espirituaes, e Procuradores das traficancias da China, Japaõ, e Malabar. Porêm hè jà m.to antigo q.e hum David pequeno de corpo, e tenro de idade triumfe de hum Gigante animado colosso de vaidade, e presumpçaõ. Estas duas vilissimas paixoẽs vos encheraõ os cerebros de fumo p.a naõ consentires haver alguem, q.e disputasse com vosco o privilegio de unicos e singulares; porèm como de taõ injusta posse vos esbulharaõ os congregados, jà se descobre a raivosa contumacia, com q.e os perseguìs. Vòs e naõ outros lograveis o indulto de q.e os Estudantes, q.e frequentavaõ as vossas classes, tivessem menos hum anno daquelles, q.e haviaõ assistir na Universid.e de Coimbra. Vòs, e naõ outros possuieis os confessionarios dos Principes, e os collegios p.a instrucçaõ da mocid.e Destes brazoẽs, com q.e unicam.te vos nobilitaveis, resolveo a Magestade Fidelissima do Serenis.mo S.r Dom Ioaõ 5.o fazer participante a Congreg.am do Oratorio, e como generoso remunerador da virtude, e da sabedoria, lhe concedeo o privilegio (ainda q.e foi inultim.te contestado pella vossa envejosa industria) de q.e os Estudantes das suas classes frequentassem menos hum anno a Athenas Conimbricense p.a nella se graduarem. Dos alumnos da mesma Congreg.am elegeo p.a seo confessor ao Rev.mo P. Francisco Pedroso, varaõ em q.e competio a practica das virtudes com a especulaçaõ das sciencias, e a cujo veneravel nome deve ser eternam.te agradecida a vossa Prov.a, q.do esteve reduzida à ultima extincçaõ, e a salvou de taõ fatal perigo a sua virtuosa industria, como consta da carta do

vosso Geral Miguel Angelo Tamburino escrita de Roma a 13 de junho de 1716, na qual entre outras officiozas expressões lhe diz. *Imitatur P. V. Reverendis.ma in hoc etiam Sanctissimum Parentem suum, qui nascentem societatem in Sancto suo Fundatore Ignatio amanter amplexus est, ac mirificè fovit. Vtinam sicut Sanctus olim Neriy dignum suo amore virum reperit in Ignatio, ita nunc inter Ignatii filios haberet P. V. Reverend.ma, qui pro merito correspondere possent ejus in nos beneficentiæ ac favori.* Com este elogio exaltou naq.le tempo a hum Congregado a primr.a pessoa da Comp.a, e agora, q.m lhe a ultima, vitupera como frenetico à todos, porèm comparada a qualidade das pessoas, foge a vil sombra da injuria atropelada p.la brilhante luz q.e coròa ao merecim.to

Fundou o magnifico Monarcha D. Joaõ 5.º a caza de N. S. das Necessidades p.a immortal obelisco da sua gratidaõ para esta Divina Princeza, e determinando q.e neste real edificio se instruisse a mocid.e na Grammatica Portugueza, e Latina, Filosofia, e Theologia Moral, cometeo a direcçaõ destes estudos aos Padres Congregados, de cuja eleyçaõ se seguio admiravel fructo, ouvindo repetir aos meninos da Eschola a Chronologia da Historia Portugueza, e Romana; a Geographia das Capitaes dos Reynos; e outras noticias certam.te ignoradas pellos Mestres do vosso Collegio de S. Antao, e do magnifico Collegio de S. Fran.co X.er situado em Alfama, q.e he a Pampulha da p.te oriental de Lx.a Como vos vistes competidos em Collegio p.a instrucçaõ da mocid.e, rompeo a vossa insaciavel cubiça de conservar o monopolio das classes contra esta nova Fundaçaõ pella petulante Lingoa do vosso Charletaõ, atrevendose impia e sacrilegam.te profanar por varias vezes, em q.e achou summo g.to o seu paladar o sagrado titulo das *Necessidades,* com q.e a Mãy da misericordia socorre aos pecadores, em fetido equivoco, dando evidentes sinaes de q.e mudado o movim.to peristaltico dos intestinos, estava vomitando p.la boca o escremento, e como aprendesse

da Medecina, q.e seu Pay exercitara, ser remedio prezentaneo p.a mal taõ horrivel o azougue, suposto q.e o manipulou no seu *Mercurio* naõ experimentou outro effeito mais, que babarse todo. De irriverente á Magestade divina passou à humana, pois esquecido da Politica, q.e taõ exactam.te observa a sua Religiaõ por frequentar mais o Paço, q.e o Coro, introduzio huã farça de varias figuras p.a escarnecer das experiencias phisicas, q.e se fazem na Aula da real caza da S.ra das Necessidades, naõ advertindo, como devia, q.e foraõ expectadores dellas a Mag.de Reynante com os Serenissimos S.es Infantes, e ser o theatro daquellas curiozas, e eruditas reprezentaçoens fundado por outra Magestade, que reyna no Empireo.

Exasperada a vossa inveja com a participaçaõ dos privilegios, q.e unicam.te lograveis, se acendeo mais impetuosam.te com *o novo methodo da Grammatica p.a uzo das Escholas da real caza da S.ra das Necessidades,* prevendo a vossa ambiçaõ, q.e com elle se diminuiria a annual ganancia, q.e colheis com a arte do vosso Manoel Alvares. Hè jà m.to antigo enfermares deste achaque, pois sahindo em Lx.a no anno de 1636. a *arte de Grammatica Latina* composta por Fr. Fructuoso Pr.a Monge Benedictino, diz della Fr. Gregorio de Argaes *na Perla de Cataluña,* pag. 464. §. 156. *Que hiziera escurecer todas las artes desta matr.a, si nò huviera la oposicion de là imbidia, y del interes.* Escuzada hè a glossa destas palavras, pois os Antegonistas envejozos, e interesseyros de Artes Grammaticaes sois unicam.te vós para q.e a do vosso Alvares entre todas triunfe, porêm agora sendo examinada no Tribunal da critica severa, e judiciosa, sahio convencida de huã multidaõ de erros crassissimos, taõ claros, e patentes, q.e p.a os desculpar hè inutil a efficacia de *Antidotos,* e *Mercurios* do vosso celebre Esculapio.

Os dous peccados originaes, que se transfundiraõ por todo o corpo da vossa Religiaõ, foraõ sempre ambiçaõ de adqui-

rir, e prezumpçaõ de saber. Do primr.º se experimentaraõ taõ perniciozos effeitos, que ainda naõ contava vinte e dous annos de confirmado o vosso Instituto, q.do os povos nas cortes convocadas em Lx.a no anno de 1562 pello Serenissimo Rey D. Sebastiaõ requereraõ no artigo 22: *Que os da Ordem da Companhia, que ora hè m.to diferente do q.e mostrou no principio, pelo m.to, que podem, e tem, que vivaõ de esmolas, como todos os outros fòra de Portugal, e q.e naõ tenhaõ proprio, ou se desfaça de todo, e que se lhe tome a renda; os quaes começaraõ a ensinar latinid.e nesta cid.e de graça, e agora levaõ mil cruzados, e por todo tem dezaseis mil cruzados, e q.e naõ haja mais q.e doze cazas.* Sahiraõ impressas estas advertencias dos povos no *Portugal cuidadozo, e lastimado, vida, e perda do S.r D. Sebastiaõ* composta pello P.e Jozê Pereyra Bayaõ a pag. 36. Se em vinte e dous annos de nascida a Comp.a se extranhava o excesso da sua ambiçaõ, qual será quando conta duzentos, e treze annos de idade?

O outro peccado da prezumpçao de saber naõ correspondeo a ambiçao de possuir, pois q.to mais esta subio, tanto mais aquella deceo. Cahistes da sublime eminencia, em q.e vos collocara o vosso estudo. Dezapareceraõ os Mendoças, e Barradas, os Sàs, e Vieyras, os Fagundes, e Fragozos insignes escriturarios, eloquentes pregadores, e famosos theologos, e juristas, e substituiraõ a estes o *Araujo,* q.e desfigurado em *Fr. Arsenio da Piedade,* p.a criticar o verdadr.º methodo dos estudos, buscou p.a Thebaida o Palacio de Bellas, onde sendo confessor do Serenis.mo S.r Infante D. Manoel fazia austera penitencia, de q.e eraõ viziveis argum.tos de parcimonia no comer, e beber o macilento do rosto, e o attenuado do corpo. Melhor lhe fora q.e o tempo consumido na critica do *Methodo dos Estudos* o aproveytasse na apologia da sua bolorenta theologia nervosam.te impugnada p.lo Illustrissimo e Revd.mo P. Fr. Caetano Benites de Lugo da sempre preclarissima Ordem dos Pregadores. Ao *Araujo*

*

succedeo o *Aranha,* insecto desprazivel, que intentando com os fios da sua grossa teya introduzirse pellos espaços da Filosofia moderna mostrou ser innocente a sua peçonha. Que direi dos mestres de Filosofia que nestes ultimos tempos subiraõ à cadeira no Collegio de S. Antaõ com injuria da memoria dos Agostinhos, Lourenços, Antonios, Vieyras, Jooens, e Garçoens que lhe precederaõ? Entre aquelles naõ me pode esquecer hum Duo, q.e no mesmo tempo adictaraõ ambos fidalgos, e ambos ignorantes da Filosofia moderna, dos quaes a hum se lhe perdòa a censura p.la sua urbanid.e, quando o outro a merece severa por sua altiva condiçaõ, pois sendo igualm.te falto de vista, como de memoria, que miseravelm.te lhe escorregou no *Sermaõ da Soledade da Sr.a* na Santa Igr.a Patr.al, grita m.to e conclue pouco nos seus argum.tos, e p.a se ostentar antegonista da Congrg.am do Oratorio sem emb.o de ter nella hum primo, cuja religiosa modestia excede o coroado esplendor da sua ascendencia, sahio em suas conclusoens com o picante equivoco (que he o quinto voto dos Jesuitas) intitulandoa *Congregatio Atomorum* por ser sequaz da Filosofia moderna; porèm equivocouse com o equivoco, porque a Congregaçam dos Atomos no tempo prez.te hè a sua Comp.a comparada com a do Oratorio, formada de brilhantes soes, a cuja prez.ça se desvanecem attrevidas opposiçoens.

Cauza naõ pequeno rizo a obstinada teima, com q.e insultaes a Filosofia moderna, a qual se està dictando na cabeça do mundo catholico, e nas mais florentes Vniversidades da Europa, e jà na augusta cidade de Braga defendeo a maior p.te della hum vosso alumno, que tendo dous nomes, naõ tem appelido. A origem desta vossa affectada opposiçaõ à Filosofia moderna, nasce de que por impulso dos padres congregados amanhecesse em os nossos orizontes, e naõ se devesse à vossa industria a sua introduçaõ, porq.e em tudo quereis a primazia. Se a Filosofia antigua hè mais conclu-

dente q.e a moderna, porq.e vos naõ vingaes dos congregados, convencendo-os publicam.te nos actos litterarios? Que gloria naõ seria p.a a vossa prezumpçaõ reduzillos a confessar a sua ignorancia, porèm naõ tendes forças p.a semelhantes victorias; ladraes, e naõ mordeis, e na debilidade dos vossos argumentos, formados de teia de *Aranha* se manifesta, q.e andaes engatinhando, como meninos pello sistema da Filosofia moderna. Esta com fatal jactura das vossas ganancias declarou total extincçaõ aos Soares Lusitanos, Telles, e Barretos, para q.e nunca mais impressos, se sepultem em eterno esquecim.to, e de alguns exemplares, que ainda restaõ, mandai provèr as lojas p.a embrulhar adubos, e fazer mechas. Semelhante fado experimentaraõ no orbe litterario os Comptonos, Rhodes, Penafieis, e Arriagas lançados al corral como em caza de D. Quixote o barbeiro com o cura condemnaraõ as obras dos authores da cavalleria andante.

Quem crerà, q.e sendo yòs acerrimos propugnadores da filosofia de hum gentio, qual foi Aristotles, vos ostentaes jurados inimigos de S. Agost.o, daquelle Agost.o, q.e applaudio S. Jeronimo na Epist. 25 *ad August.* com este elogio: *Macte virtute in orbe celebraris catholico te conditorem antiquæ rursum fidei venerantur atque suspiciunt,* daquelle Agost.o que intitulou S. Prospero: *Lucerna digna svper Ecclesiæ candelabrum posita;* daquelle Agost.o *Quem Deus* (assim o canoniza S. Gregorio Magno in Sacrament.) *tam multimodo genere pietatis imbuit, ut ipse illi et ara, et sacrificium, et sacerdos esset, et templum.* Contra este incontrastavel propugnaculo da Igr.a Cath.a por ser acerrimo defensor da efficacia da graça (naõ como o sonhou o vosso Molina) se dezataraõ as linguas serpentinas de vossos alumnos como foraõ Teofilo Rainaud. in *Valer. Apolog.* cap. 4. § 14. Luiz de Molina *Concord. Lib. Arbitr.* part. 1. quest. 2. cent. 3. Dionizio Petau *Dissert. proter de Trid. Concil. authorit.* cap. 5. Christovaõ Ortega controv. 7. *de Prædest.* disp. 3. quest. 2. cer-

tam. 3. Estevaõ Dechamps *de Hæres. Ianseniana.* Entre esta caterva Anteangustiniana se distinguiraõ com artificio novo Ioaõ Adaõ, e Francisco Anato, pois sahindo o primeiro com o livro dolosam.te intitulado *Calvinus a se ipso et à S. Augustino profligatus,* turbada a cabeça com os bachanaes fumos, exhalados da chaminè do peito, trocou as armas, com q.e queria debellar ao impio Hereziarcha contra S. Agostinho, chegando à proferir no cap. 8. pag. 640: *Si intrà verborum S. Augustini altitudinem me continerem Calvenista essem;* havendo jà dito no cap. 3, em obsequio do mesmo S. D.or: *Ridiculos Augustini adoratores illos esse, qui illum fidelissimum antiquitatis testem, primum Ecclesiæ Oraculum, Principem Patrum, omniumque Doctorum Subtilissimum vocant.* Naõ vomitaraõ mayor copia de veneno contra S. Agostinho as impias bocas de Luthero, e Calvino, do q.e a deste veneravel Jesuita, de cuja blasfema impiedade foi companhr.o o Anato, q.e emprendendo fazer huã apologia no seu *Augustinus a Bayanis vindicatus,* a converteo em invectiva, vomitando no liv. 8. cap. 2.o *Augustinus æstu disputationis abreptus excessit lineas necessariæ veritatis.* Jà naõ tendes virtuozos congregados razaõ p.a a queixa, pois se naõ escapa da lingua dos Jesuitas S. Agostinho, que admiraçaõ pode cauzar o convertella dissolutam.te contra as vossas pessoas. Consolaivos de seres companhr.os nas injurias, de q.m vos hè taõ superior em merecimentos, e compadeceyvos de huns homens, q.e perdido o decoro, e estragada a modestia, como freneticos rompem em infames invectivas.

De taõ abominaveis absurdos hè fecunda progenitora a altiva prezumpçaõ, que vos tem reduzido ao miseravel estado, em que se achava a creada de Seneca, a qual sendo cega rogava importunam.te, que lhe abrissem as janellas para ver, attribuindo a falta da luz à casa, e naõ aos seus olhos. Estaes sepultados em hum abismo de defeitos, e atreveivos com indiscreta arrogancia a ser censores das acçoẽs alheas. Metei

a maõ no seio, q.e ha de sahir cheia de lepra, como sucedeo à irmã de Moysès.

Jà la vai aquelle tempo, em q.e como fazenda de contrabando à vossa modestia, tomaveis clandestinam.te o tabaco; porêm agora o dais, e recebeis em caixas de prata, uzando de relogios de algibeira, e discorrendo pella corte em carruagens. Aquelle sagrado ardor, q.e inflammava o espirito de vossos primitivos P. P. para converter ao gremio da Igr.a a gentilidade oriental jà se extinguio. Preferistes ao numero dos martyres o dos confessores, mas de principes; em cujo ministerio fez a vossa theologia compativeis os dictames do Evang.o com os aforismos de Tacito. Para augm.to das vossas conveniencias na China, e Malabar, quizestes christianizar ritos gentilicos baptizando-os em ceremonias obsequiozas, naõ advertindo, q.e no mesmo altar naõ podem receber adoraçoẽs Deos, e Baal. Contra esta supersticiosa practica tenazm.te por vos defendida, e abominada de todos os missionarios, cultores das mesmas vinhas, se armou a pastoral vigilancia do Oracolo do Vaticano, declarando ser abominavel, porem vos uzando de multiplicadas tergiversaçoẽs, em q.e sois destrissimos naõ executastes os seus decretos. Subio ao trono de S. Pedro a santidade reinante de Benedicto XIV; e estranhando as cavillaçoẽs, com q.e huns homens como vòs, que professaes quarto voto de obediencia ao Summo Pontifice, naõ tinheis cumprido o que se ordenava nos decretos pontificios, confirmando, e innovando a constituiçaõ de seu predecessor Clemente XI. que começa *Ex illa die,* expedio o seg.te decreto em 11 de julho de 1742., onde vos faz o seg.te ellogio: *Per constitutionem Apostolicam, qua Clemens Papa XI. se huic controversiæ finem dedisse testatur, justum & æquum videbatur eos, qui Sanctæ Sedis auctoritatem se se quàm maximè revereri profitentur, humili, & obsequenti animo illius juditio semet omninò subijcere, nec ulterius cavillari. Nihilominùs INOBEDIENTES, & CAPTIOSI homines*

exactam ejusdem constitutiones observantiam se effugere posse putarunt &. Para eterno brazaõ da vossa obediencia á Sê Apostolica mandai gravar nos frontispicios das vossas cazas professas, e collegios aquelles dous honorificos epitetos, com que a santidad.e reinante vos honrou.

E que direi da prezumpçaõ com q.e falsam.te vos jactaes de se saber a lingua latina com perfeiçaõ em Portugal depois q.e vòs a ensinaes, quando a sua fatal decadencia se lamentou desde o tempo q.e a bond.e del Rey D. Ioaõ 3.º entregou o Collegio das Artes à vossa direcçaõ. Ainda estava na massa dos possiveis a arte do vosso adorado Manoel Alvares, e jà floreciaõ em Portugal celebres corifeos da latinidade, ou fosse solta, ou ligada. Mostraime q.e do vosso magisterio sahissem discipulos capazes de compararse na proza com D. Jeronymo Osorio, Diogo de Teyve, Damiaõ de Goes e Andrè de Rezende, e na poezia heroyca, ou lyrica com Hermigio Cayado, Ieronymo Cardozo, Fr. Francisco de Barcellos, Joaõ de Mello, e Souza, e Lopo Serraõ. A cauza desta differença naõ vos hade ser agradavel, mas he indubitavelm.te certa. Os mestres formaõ aos discipulos, e como aquelles, q.e ensinaraõ antes de vòs, subiaõ as cadeyras por oppoziçaõ (como ainda se practica com as Faculdades de Theologia, Direyto Canonico e Civil) eraõ preferidos os mais sabios, e ensinando as humanidades por toda a vida naõ cauzava admiraçaõ, que de taes mestres sahissem grandes discipulos. Porèm q.e discipulos haõ de sahir das vossas classes, se os mestres ainda haviaõ de ser discipulos, naõ excedendo a mayor p.te delles a idade de vinte, e quatro annos, e ocupando dous, ou tres na liçaõ das humanidades passaõ a aprender Theologia. Que differente he o methodo que practica a vossa comp.a em os outros reynos, pois no collegio de Cordova dictou humanid.es o P. Martin de Roa pello espaço de 16 annos; no Collegio Romano o P. Alex.e Donato 12., e o P.e Famiano Estrada 15. Em o collegio de Pariz o P.e Leonardo Frizon

15, e o P.e Carlos Pareé 20. De homens exercitados por taõ largo tempo na pureza da lingua latina, figuras de rhetorica, e flores da poezia q.e discipulos naõ sahiriaõ do seu magisterio? Esta ignorancia da latinidade, experimentada por vossa causa em Portugal, jà a tinha lamentado, e arguido em Hespanha como testemunha domestica o vosso P.e Ioaõ Marianna, celebre professor da lingua latina, cuja pureza deixou eternizada na sua historia de Hespanha, o qual no Tratado q.e fez sobre o *Instituto da Comp.a* escreve: *No ay duda, si no q.e oy em Hespañha se sabe menos latin, que aora cinquenta años ay, y creyo yò, y aun lo tengo por cierto, que la cauza destes daños èstar la compañia encargada destes estudios; que si la gente entendiesse bien el daño que por este caminho se haze nò dudo, si nò que por decreto publico nos quitàran las escuelas como se hà començado a tratar. Los seglares por aora, como ven los puestos occupados nò se dan aora à estas letràs, y profession y ansi si alguna dificuldad se offerece apenas hay quien la sepa desatar, ni aun en Hespaña, se halla quien sepa quatro letras de latin. Algunos medios se han intentando, y en la compañia mucho mas p.a ocurrir a estes daños: uno dellos èsel de los seminarios de humanidades, nò sè si el provecho èsbastante por ocuparse en esto nò muy de passo los estudiantes por poner la mira en el pulpito, y los estudios escolasticos. Y por esto soy de parecer q.e los maestros destruyen la latinidad, humanidad, y erudicion, y seria mejor, q.e los padres embiassen sus hijos a sus preceptores seglares, y no à los nuestros.* Oh se D.s permitisse que persuadido o nosso Soberano com taõ evidente demonstraçaõ convocasse dos Reinos estranhos mestres da lingua latina, de que felizm.te abundaõ, e vos lançasse fòra das classes como agora judiciozam.te executou El Rey de Sardenha, e o estipendio real, que recebeis (mentindo o vosso P.e Cordeyro no *Lauret. Lusit.* pag. 151. *que gratis ensinaes*) se desse a pessoas capazes de restituir a Portugal id.e de ouro, em q.e se fallava a lingua latina com

pureza, e elegancia, q.e totalm.te se perderaõ com o vosso magisterio. Que larga porta se me abria p.a fazer evid.te esta verd.e, criticando m.tas das vossas obras latinas, como eraõ o *Paciecidos* do P. Bartholomeu Pr.a, o *Dulces exuviæ* do P.e Antonio de Amorim, o *Indiculus universalis, Annus gloriosus S. P. in Lusitania* do P.e Antonio Franco. A *Regia Epirotarum Principis gemma* pueril aborto do collegio de S. Antaõ, e sobre tudo a prosodia do P. Bento Pereyra, que com engenhoza perifraze nos explicou a palavra *Babao.* Que erros palmares, e q.e horriveis barbarismos, e solecismos se naõ descobrem nestas obras! Mas naõ he de admirar que ignoreis huã lingua estranha q.do por antigo fado nunca soubestes uzar da materna, observando-se nas vossas historias, e oraçoẽs evangelicas rediculas paranomazias, equivocos pueris, metaphoras indignas, e outras expressoẽs capazes de provocar a rizo a estoica severid.e de Heraclito. Para demonstraçaõ desta verd.e apareçaõ alguns dos vossos historiadores, e pregadores (que se fossem todos cresceria esta carta a hum volume) e para dezengano da vossa prezumpçaõ pasmai de copioza abundancia de simplicidad.es, e redicularias, q.e deixaraõ eternizadas na posterid.e, e o q.e he peior, authorizadas com o exame dos revizores domesticos, e faculdade dos prelados superiores.

Destes soldados alistados na vossa Comp.a seja o Cap.am o P.e Balthesar Telles na *Chron. da Provinc. de Portugal* part. 1.a pag. 496. col. 2 = *Trouxe o sabio Rey a esta sua Universidade* (de Coimbra) *doutores extrangeyros como amas de gente innocente em sua virilid.e, hombridade, e mayorid.e.* Elegante *similiter cadens,* q.e achou armonia nos ouvidos do P.e Chronista.

A pag. 510. col. 2. *Que bem pode fazer caixa* (dezencaixado termo) *a entrar em competencia com o Collegio de Coimbra.*

A pag. 537. col. 1.a escrevendo do P. Manoel Fernandes

maltratado por huns assassinos = *Cheyo todo de mortaes dores, e com os bofes moidos os tinha taõ lavados p.e os mesmos matadores.* Deslavada semsaboria.

Na part. 2. da mesma *Chronica* pag. 129. col. 2. escrevendo do P. Gonçalo da Sylvr.a, que levava pelo cabresto a hum jumento: *Entaõ com mais calor com as vozes, e com a vara como se fosse official velho espertou o jumento.* Deve-se à investig.am deste chronista a not.a de haver officio de conduzir jumentos, pois fez ao P.e Sylvr.a official velho.

A pag. 357. col. 2 = *Que ou estão sempre rindo, ou em lugar de rizo perenne, lançaõ agoa perenante.* Este adjectivo he do seu *Diccionario.*

A pag. 409. col. 1.a fallando de hum pè do Cardeal D. Henrique, q.e foi mandado para o Collegio de Evora = *Mas naõ carece de misterio trazer-se a seu Collegio hum pè, com q.e tomasse delle posse, e tambem daqui podemos tomar o bom agouro de que as esperanças deste Collegio sempre teraõ bom successo, pois se estribaõ em taõ bom pè, e com o mesmo fundam.to podemos esperar o bom logro dos religiozos q.e nelle entrarem, dos quaes podemos dizer, q.e entraraõ com pe direito.*

A pag. 262. col. 1.a escrevendo de hum Sacerdote q.e sahio da Comp.a = *Foi neces.o cortar-lhe hum pè ficando desta manr.a por justo juizo de D.s fora da religiaõ, vivendo em suma mizeria, e andando pella Cid.e pedindo esmola, manquejando em duas moletas, permitindo D.s assim, p.a q.e naõ desse passada, em que se naõ lembrasse p.a mayor confuzaõ sua do felice estado, de q.e tinha cahido, sustentando-se sobre hum sô pè, pois naõ teve cabeça, mais q.e para dar cabeçadas.* Mayores as deo o P.e chronista nos conceitos que descubrio a sua argucia no pè do Cardeal, e no pè deste Sacerdote.

O P.e Antonio Leite, *Hist. de Aparic. e milag. da Virgem da Lapa.* A fol. 49. vers. = *Fr. Luiz Alvares de Tavora Balio de Lessa concertando-se com a morte, q.e jà lhe*

*

tinha entrado das portas adentro, em lugar de luctuosa dantemaõ, e antes de tempo procurava a mesma pessoa do Balio, se tornou vazia p.ª fora.

A fol. 51. fallando do livro da vida = *Onde estaõ alistados por Notarios da gloria todos os Predestinados.* Devem-lhe estes o provim.to deste off.º descuberto pella subtil comprehensaõ deste escritor.

A pag. 92. narrando o milagre, q.ª a Senhora da Lapa obrara no Abb.ª de Lobrigos Pedro Pinto, quando estava agonizante = *Despedido jà desta vida com segura matalotagem dos sacram.tos da Igr.ª, cercado de sacerdotes, e dous capuchinhos, q.ª com suas orações, e psalmos o ajudavaõ naquelle transe taõ agonizado, q.ª jà lhe tinhaõ aprovado com o officio da agonia, quando o P. Guardiaõ lhe pegou pello braço para ver se estava de todo repouzando com o sono da morte.... Chamando p.la Virgem, a cujo mandado obedecera logo a morte, q.ª jà com elle estava à cabeceyra, e bem se vio ter-se ella voltado pella mesma porta, q.ª entrou, carregada com as alfayas, q.ª troxera, à saber vela, mortalha, fraqueza, e fastio, ficando a camera do Abb.ª recamera de alleluya, e resurreyçaõ.*

A fol. 120. vers. = *Da corrente do rio, q.ª m.tas vezes se despenha taõ arremeçado q.ª mais parece doudo, que Douro.*

A fol. 153. vers. = *Porque ainda* (falla de Sara) *que cazada, se senaõ resguardava, podia ser capada.* Agudo talento tinha este P.ª p.ª paranomazias!

A fol. 167. vers. = *Com cantigas, q.ª por nada se vendem nas tendas da pouca honestid.ª.* Naõ era menos subtil p.ª metaforas.

A fol. 252. *Quaõ facil he abrir o principio dos vossos louvores milagrozos, por taõ dificultozo se julga comprehender o gloria patri de vossos panegyricos.* Com inaudita novid.ª clauzulou este escritor a sua obra, aplicando o gloria patri, com que se finalizaõ os psalmos p.ª remate das suàs fatuidades.

O P.e Francisco Antonio Cardim — *Elogios, e ramalhete de flores borrifado com o sangue dos religiozos da Companhia.* A discripçaõ deste titulo logo inculca ser jesuita seu author.

A pag. 17. = *Em que sua ardente charid.e ja mais tosquenejava.* Quando uzou desta palavra estava dormitando naõ sendo Homero.

A pag. 18. *Nem as settas da sua doutrina hervadas no sangue de Xp.to.* Horrivel blasfemia, fazer do sangue de X.to, que he antidoto, veneno, pois com elle se hervaõ as settas, como escreveo a pag. 60. *Acometendo aquelle peito de prova com pelouros de prata hervados com peçonha refinada de dragaõ.*

A pag. 21. = *Naceo em Medina del campo, e com provid.a naceo no campo, porq.e se attentarmos para a fragrancia das suas primr.as virtudes, com rezaõ lhe chamaremos flor do campo.*

A pag. 29. fallando do B. Paulo Michi = *A excellencia da sua vida podemos conjecturar do seu nome, no q.l como em ouro trazia engastada a pedra preciozа da salvaçaõ alhea de tal manr.a, q.e podia cada hum dos japoens dizer, Paulo non sibi sed mihi.* Victor P.e Cardim pello equivoco do appellido *Michi* com o dativo *mihi,* de q.e se aproveitou a sua simplicidade.

A pag. 55. escrevendo do P. Joaõ Bap.ta Machado, n.al da Ilha Terceyra, huã dos Açores, diz = *Antes me espanta, como algum dos Açores daquella Ilha o naõ arrebatou nas unhas p.a o Ceo.* Mais se devia espantar de fazer devota a huã ave de rapina.

A pag. 56. = *Cahiolhe a cabeça entre suas maõs, nem estas se poderiaõ ornar com outra palma mais preciozа, alem de q.e mostrou D.s que aquella cabeça, como reliquia santa, era bem andasse nas palmas.*

A pag. 99. fallando do P. Jeronymo de Angelis appellido

da sua familia = *Cada hum dos Anjos dezejou p.ª si ao menino Jeronymo; mas para q.ᵉ naõ houvesse discordia entre elles no Ceo acordaraõ de comum consentim.ᵗᵒ vivesse antes no mundo, de nenhum em p.ᵉʳ mas comum à todos, e q.ᵉ por isso lhe chamaraõ Jeronymo de Angelis, e naõ de Angelo.* Valente basbaquisse!

A pag. 230. escrevendo do P. Marcello Fran.ᶜᵒ Mastrilli = *Do carcere foi lerado ao torm.ᵗᵒ da cova a cavallo parece q.ᵉ se pòz o Ceo a considerar, e esses Cortesaõs da Gloria assomariaõ a essas janellas rasgadas das estrellas a ver aq.ᵉˢ espectaculo, e triunfar aquelle Neapolitano antes cavalleyro romano. Os grilhoẽs de ferro, mudados em luas, lhe pòz o Ceo nos sapatos; as algemas das maõs lhe converteo em aneis de ouro, e lhos meteo nos dedos, e mudando a grossa corrente q.ᵉ levava ao pescoço em colar de ouro, e finos diamantes o fez, q.ᵉ parecesse hum Torquato.*

Victor outra vez P. Cardim por esta discripçaõ triumfal, sendo m.ᵗᵒ mais celebre pello equivoco de Torquato por ser Torques em latim o Colar.º Victor. Victor.

O P.ᵉ Bartolomeo Guerreyro. *Glorios. Coroa de esforçados caval. da Companhia de Jesus.* A pag. 48. fallando do Ser.ᵐᵒ Rey D. Manoel mandar embayxador a Roma, diz = *Dezembainhou a resoluçaõ de mandar a embaixada,* = como se fora folha de espada.

A pag. 64. = *Hè este viveyro o Real Collegio de Coimbra.* = De homens converte em peixes os seus habitadores.

A pag. 105 e 106. = *O comprim.ᵗᵒ da palavra divina dada pella do Eterno Pay ao primr.º Rey de Portugal D. Affonso Henriques.* = Naõ foy o Pay, mas o filho crucificado, como o mesmo author a pag. 111. confessa = *As palavras do Santis.ᵐᵒ S.ʳ crucificado ao glorioso Rey D. Affonso Henriques* = Se terceyra vez escrevesse desta apariçaõ, para q.ᵉ naõ faltasse alguã das tres divinas pessoas, havia dizer, q.ᵉ fallara áquelle Monarcha o Esp.ᵗᵒ Santo.

A pag. 112., tratando do milagroso sucesso de desencravar Christo o braço da cruz no dia da acclamaçaõ = *Desencravou a maõ naõ só p.ª ficar livre para dar o* q.ᵉ *queria, mas para o dar com dobradas vantagens de huã maõ estendida pella palma aberta, e furada pellas costas, para q.ᵉ por todas as partes sahissem enchentes de m.ᶜᵉˢ da sua divina grandeza.*

A pag. 202. = *Os favores, e regalos com q.ᵉ o bafejava hum espirito eterno.* Elegante verbo!

A pag. 208. fallando do P. Gon.ᵗᵒ da Sylvr.ª = *Tirar hum bichinho, que lhe passeava pello peito da roupeta.* (Agora soube q.ᵉ a roupeta tinha peito). *Naõ teria o S.ᵗᵒ tanta estimaçaõ da illustrissima sr.ª sua irmaã, como o tinha do seu bichinho.* Declare ser piolho, porq.ᵉ naõ ha de diminuir com tal nome a sua elegancia historica.

A pag. 285: *Que naõ podemos negar terem os espiritos huns com os outros huã mexiriqueira sympatia.* Nobre adjectivo.

A pag. 335: *Huã alcofinha em q.ᵉ trazia os petrechos da sapataria.* Propria translaçaõ da Comp.ª p.ª o calçado velho.

O P. Lourenço Craveiro no *Sermaõ* intitulado *Merenda Eucharistica* impresso em Lx.ª no anno *1677.* no qual feito cozinheiro evangelico depois de ornar a mesa de differentes manjares temperados pella sua delicada idea, conclue com a seguinte peroraçaõ: «Comey os q.ᵉ estais doentes esta divina galinha, temperada com açafraõ da paciencia, e com o coentro do esquecim.ᵗᵒ do mundo, e escapareis das doenças. Comey os que sois convalescentes, os q.ᵉ vos levantaes da doença da culpa p.ª a saude da graça, esta perdiz divina, esta codorniz soberana com o oleo da misericordia, com o vinagre da cruz de Xp.ᵗᵒ, com o sal da pâz, com a pimenta do amor de Deos; e cobrareis vossas forças. Comey os q.ᵉ sois mimozos de Deos, os penitentes verdadr.ᵒˢ, digo, este cordr.º, ou cabrito divino com a amargura da contriçaõ do

pecado, e sereis de Deos os mais regallados. Comey os q.e sois saons, ou santos esta divina vitella com a mostarda da feê, e ficareis mais santificados. Comey os q.e sois valerozos, e robustos, com o serviço de Deos este cervo, ou viado divino com a salsa da obed.a aos divinos mandam.tos, e ficareis mais ligeiros, e robustos. Comey os q.e sois entendidos, digo, os q.e amais a Deos mais fervorozos a esta divina aguia com a salsa do desprezo da terra, e da contemplaçaõ do Ceo, e sereis aguias mais intendidos, e sabios. Comey todos, e tomay bem o g.to e o sabor a este manjar deliciozo, e façavos bom proveyto melhorando-vos em a natureza, augmentando-vos na graça, e regalando-vos eternam.te na gloria». Fertil craveiro, q.e brotou em tantas flores metaforicas, adubadas pello seu pingue talento, merecendo q.e o seu retrato esteja collocado em todas as cozinhas da Comp.a.

O P.e Manoel Carneiro no Sermaõ das quarenta horas prègado no Collegio do Rio de Janr.o e impresso em Evora no anno de 1668. No qual seguindo a metafora da musica cahio nestas dissonancias = *Quereis vós ouvir murmurar, como dizem todos, de re mi fa sol? Entray p.la rua dir.ta, e vereis quantas bocas tortas achais nella. Paray hum pouco na Quitanda* (o Padre prègava no Brazil, onde a Quitanda he o lugar, q.e em Portugal se chama Ribeyra, em q.e se vendem as cousas comestiveis) *e ouvireis o m.to que ali se dezentoa, p.lo m.to que ali se murmura. Sabeis porq.e se chama Quitanda! Ouçaõ todos a sua deffiniçaõ, chamase Quitanda pello m.to q.e ali se quita, e pelo m.to q.e ali anda.*

Para provar q.e a nossa vòz ha de corresponder igualm.te á vòz de Deos, e naõ sendo assim, Deos naõ nos cõmunica a sua misericordia, se valeo do texto seguinte = *Chegou certa noute aquelle Divino Muzico dos cantares a dar huã muzica às portas da Alma Santa, e querendolhe cõmunicar suas mizericordias, pedio, q.e lhe abrisse a porta.* Aperi mihi. *A esta vòz respondeo de dentro aquella alma, escuzandose q.e tinha*

os pès lavados. Lavi pedes meos. *Ouvio Xp.to esta vòz e logo se auzentou.* At ille declinaverat, atque transierat. *E porq.e cauza se auzentou Xp.to, ouvindo esta vòz? Porq.e esta vòz naõ correspondeo igualm.te à vòz de Xp.to. Notay: A vòz de Christo cantou à alma santa em tom de mi;* Aperi mihi; *A vòz da alma santa correspondeo à vòz de Xp.to em tom de lâ:* Lavi pedes meos. *Xp.to bateo com a maõ, e pedio com a vòz; A alma s.ta correspondeo com a vòz, mas naõ abrio com a maõ &t.a.*

Proseguindo este orador a metafora musical para cujas orelhas era harmonia a mesma desafinaçaõ, diz = *Suposta a allegoria de ser o divino sacram.to Citara, ouçamos agora hum pouco pera nossa doutrina como as vozes, ou ecos desta divina Citara correspondem igualm.te ás nossas vozes. Fallay, senhor, dizey soberana Citara, terá nesta Cid.e o ecclesiastico mayor affecto ao profano da vida, com q.e escandaliza, que ao sagrado do estado, em q.e havia dar exemplo! Ouvi todos como responde o eco da Citara a compasso. Si terá: Terá o q.e hè pregador mayor dez.o de dizer conceytos na pregaçaõ para que o gabem, q.e de fazer o auditorio da pregaçaõ conceyto, para q.e se emende? Si terá. Terá o que he pastor mais cuid.o de tirar com a sua ambiçaõ o fato ás ovelhas, de que repartir com as vossas ovelhas do seu fato? Si terá. Terá o julgador mayor resp.to ao q.e lhe mandaõ as p.tes q.e ao q.e lhe mandaõ as leys? Si terá. Terá o official da milicia mayor destreza p.a as fraquezas de Venus q.e p.a as valentias de Marte? Si terá.*

O P. Antonio Cordeiro. *Hist. Insulana.* A pag. 60. fallando de ser nocivo o clima de Cabo Verde, diz: *Ser hum natural açougue p.a os padres da Comp.a, q.e p.a la hiaõ.*

A pag. 126: *Ilha de Santa Maria, que das mais he a colmea da nobreza.* Ninguem descobrio solar mais augusto p.a a fidalguia da Ilha de Santa Maria como o P.e Cordr.o em o cortiço das abelhas.

A pag. 159., fallando de huã negra q.e morreo apestada de huã manta, com q.e se cobrio diz, = *Que o mesmo foi deitarse nella, q.e deitar a morte sobre si.*

A pag. 174: *O famoso alferes dos coutos de seus braços fez inviolaveis coutos da bandeyra.* Linda paranomazia!

A pag. 222: *A Beatissima Marguarida de Chaves.* Devia ser parenta de algum Pontifice Romano p.a lhe guadrar o epitecto.

O mesmo Cordeiro. No *Loureto Lusitano* na dedicatoria á Snr.a da Lapa a intitula = *May do divino mestre jesuitico.* Ainda q.e a Comp.a se chame de Jesus, nunca Jesus foi da Comp.a, por cuja cauza cahio este author em hum abominavel absurdo no titulo com q.e appellidou a Xp.to

A pag. 3. n. 2. fallando da Pastora, á qual aparecera a Snr.a da Lapa, diz: *Que lhe parecera huã bonecra daquellas com q.e as raparigas na menor idade se costumaõ entreter.*

A pag. 15. n. 42. *Daquelle interior Lapense.* Nasceo este padre para adjectivar com propried.e adjectivos.

A pag. 46. n. 139: *Sendo do ecclesiastico Abb.e da Igr.a* Andou previsto na explicaçaõ de ser ecclesiastico, por naõ o equivocar com o Abb.e secular, q.e existe na sua fantazia.

A pag. 52. n. 155 = *Chegou a Coimbra com vinte e tres dias de pedanea peregrinaçaõ.*

A pag. 80. n. 231 = *Collegio fachadento,* e n. 232: *Fachadenta rezidencia.*

A pag. 89. n. 251. *intemperado thezoureiro.*

A pag. 111. n. 314. *aos querelozos.* Que festival dicionario comporia este P.e para o exorcismo da melancolia, pois em taõ breve campo se descobrem as palavras *Pedanea fachadenta, Intemperado* e *Querelozos.*

P. Francisco da Fonseca. *Evora gloriosa.* Pag. 4 = *Das antiguas cidades nunca se souberaõ as infancias, nem se conheceraõ as meninices.* Claram.te se conheceraõ estas em tudo q.to este P.e escreveo.

A pag. 39., fallando do genio militar del Rey D. Affonso Henriques se espraia nesta hyperbolica, e ridicula narraçaõ = *Todas as dilicias da sua infancia eraõ brincar com os ferros das lanças, e com os gumes das espadas. Andava engatinhando sobre as adargas, escudos e vizeiras, tendo por unica recreaçaõ, despedaçar, os penachos, e vyzeiras dos vencidos affricanos; para lhe acalentar o choro, e conciliar o sono, naõ uzavaõ de outra muzica, q.e a dos pifaros e caixas.*

A pag. 70. *Pedro Sarm.to naquelle tempo o ronca dos castelhanos.* Bem lembrado epitecto!

A pag. 74 = *Poz-se o Conde* (falla do condestavel Nuno Alvares Per.a) *em oraçaõ entre dous penhascos com tanta paz, e serenidade, que parecia junto de hum penedo, outro penedo.* Quiz aproveytarse do conceyto de Camoẽs, e cahio em huã simplicid.e

A pag. 86. fallando de D. Izabel de Castro = *Que vivera ociozа, e ingloria no seu Estado.* Este ultimo adjectivo he proprio dos *Diccionarios Jesuiticos,* onde tem liberd.e p.a portuguezar o latim, e alatinar o portuguez.

A pag. 115., escrevendo da acclamaçaõ do Cardeal D. Henrique em a Igr.a do Hospital de todos os santos, sahio com este trocadilho = *Como estava enfermo, e moribundo o cetro foi buscar remedio no Hospital, mas como o seu achaque era incuravel, nem no Hospital achou remedio.*

A pag. 123., fallando do Cabo Bojador = *Voltavaõ as proas p.a o R.no, medrozas das carrancas deste coco.* Elegante epitecto!

A pag. 155 = *Nasceo este Heroe* (falla de Luiz Mendes de Vascon.los Gram m.e de Malta) *na rua chamada dos Infantes, como nascia p.a Principe, naõ podia nascer noutra rua.*

A pag. 177., escrevendo de D. Joaõ de Austria estranhar o alvoroço, q.e o povo de Evora tivera pello choque de Odigebe = *Se deo logo noticia ao Infante, baptizando o por rẽ-*

*

beldía. Em taõ poucas palavras levantou dous testemunhos a D. Joaõ de Austria; o primr.º fazendo-o cura, o segundo intitulando-o Infante, q.º por ser bastardo, o naõ era.

A pag. 181 = *Se debatia entre a nobreza corajozam.te* Quem tem faculd.e p.a inventar adjectivos tambem se estende para adverbios.

P. Simaõ da Cunha. No sermaõ da acclamaçaõ del Rey D. Joaõ IV. prègado em Macao, e impresso em Lx.a no anno de 1644. A pag. 15 = *Deos he trino em pessoas, e hum em essencia; a alma hè trina em potencias, e huã em essencia. Deos està em todas as p.tes, onde hà corpo humano, de manr.a q.e hè hum Deos cospido.* Faltou-lhe dizer p.a ultimo complem.to do decoro — *e escarrado.*

A pag. 16 = *Quando David fez seus paços m.to ricos, estando em seu trono, olhou p.a o ornam.to da sua caza, vio de baixo de seus pès tanto ouro, o forro das suas cazas taõ rico, e olhando p.a tudo isto deo hum ay, ay, ay.*

P. Francisco Salgueyro. Sermaõ das exequias del Rey D. Pedro 2.º prègado em Evora, e impresso no anno de 1707. A pag. 3. = *Este funebre panegirico para o compto ornato.* Adjectivo do *Diccionario Jesuitico.*

A pag. 5. = *A pedra* (falla del Rey D. Pedro) *de afiar as espadas portuguezas, e seus antigos brios; a pedra filosophal, que athe ao Rio de Janr.º converteo em minas de ouro.*

A pag. 7. = Dissera, *que as duas joyas, por serem del Rey D. Pedro, eraõ duas memorias dignas do dedo da maõ dir.ta de Deos.* Este conceyto era merecedor de ser pendurado de huã taboleta de ourives de ouro.

A pag. 12. *Foy ElRey D. Pedro verdad.ra pedra de corisco.* Decorozo epitecto de hum monarcha.

O P.e Francisco de Souza. *Oriente conquistado* tom. 2. pag. 32. relatando a conquista de Mangalor, q.e dominava a Raynha de Olala, cuja invasaõ estava disposta p.a o dia da

Epifania, cahio nesta puerilid.ᵉ = *Que os soldados iriaõ levar os Reys á Rayuha.*

P.ᵉ Luiz Gonzaga. Sermaõ da Canon. de S. Fran.ᶜᵒ X.ᵉʳ impresso em Lx.ª no anno de 1706. A pag. 11. = *Naõ foy Xavier pellos caminhos dos mais santos, porq.ᵉ no jogo das cartas, aonde a santid.ᵉ naõ faz vaza, obrou Xavier taes extravagancias, mas sem trapaça, q.ᵉ fez sahir o trunfo das virtudes, confessando o jogador taful, que se Xavier lhe soubera envidar o tento, q.ᵉ devia pôr em suas acçoẽs, p.ª levar, como levou de Codilho o Ceo. Naõ foi Xavier pelos cam.ᵒˢ dos mais santos, porq.ᵉ no jogo das armas, aonde se naõ aguarda talho à santid.ᵉ, obrou Xavier taes extravagancias, mas sem cobardia, q.ᵉ levou de unhas abaixo aos vicios, cenfessando o soldado valentaõ, q.ᶜ só Xavier lhe soubera ensinar os revezes, q.ᵉ devia dar e seus costumes p.ª levar, como levou, de hum golpe o paraizo.*

O mesmo P. Gonzaga: *Sermaõ de acçaõ de graças de Deos ter livrado ao Infante D. Manoel de huã queda.* impresso em Lx.ª no anno de 1713. A pag. 7 = *Porque te viste* (falla em Lx.ª) *convertida em cinereas lagrimas, e tornada em lagrimozas cinzas. Adjectivos do Diccionario Jesuitico.*

A pag. 9. *Applicanao nas esporas azas aos ginetes, em q.ᶜ montavaõ, pertendiaõ naõ andar a passo pella terra, mas a pizar astros de galope pelo Ceo.* Com engenhoza harmonia converteo o pulpito em picadeiro.

A pag. 20. = *E chegou a triunfar da morte, q.ᵉ a unha de cavallo o pertendia alcançar:* E de gram besta tinha este orador.

A pag. 13. *Quando assim o viraõ ao Infante divino Manoel* (falla dos Reys adorando a Christo) *q.ᵉ naõ havia remedio, q.ᵉ o amor lhe naõ receitasse, já no ouro o oleo, já na mirra o unguento, e os pós no incenso p.ª confortarem, e consolidarem taõ delicados, e quebrantados membrinhos.* Elegante diminutivo.

O mesmo — Relaç. das festas da Beatific. do B. Joaõ Fran.co Regis. A pag. 13. = *Tanto que o rologio deo o sinal de se dividir pelo meyo dia.* Quantas horas de estudo lhe levaria esta perifraze!

A pag. 16. *Entre as luminarias se esmerou m.to o Collegio de S. Antaõ, cubrindo todo o pavim.to da Igreja.* Entre tanta copia de luzes andou as apalpadellas, pois as collocou no pavim.to da Igreja; onde nunca se viraõ luminarias, sendo necess.o p.a serem vistas estarem patentes ás portas da Igr.a, q.e naõ estaõ no tempo da noute.

A pag. 27. Concluindo a relaçaõ diz = *Q.e se hè o B.po Joaõ Fran.co do Rey* (equivocando ridiculam.te o appellido de Regis com o genitivo de Rex) *hè o nosso Augusto Monarca, o Snr. D. Joaõ Fran.co Xavier o Rey, de q.e elle hè só santo por seu especial patrocinio.*

P. Antonio Franco. *Imagem da virtude do noviciado de Coimbra.* part. 1.a pag. 67. col. 2. = *Veyo o negro clerigo.* Mereceo este epitecto, sendo Branco, porq.e tinha pacto com o demonio.

A pag. 94. col. 2 = *A sua arte de gramatica* (falla do P.e Manoel Alvares) *foi nesta materia a obra mais aceada, e culta.* Athè aqui propried.es de epitectos.

A pag. 102. col. 1.a Louvando a modestia do mesmo P.e diz. *Que entrando na classe, aonde assistia hum masquerado, e fazendo tregeitos taõ dezemfastiados, q.e todos os prezentes se perdiaõ com rizo; neste passo o P.e abrio a bocca a modo de q.em bafeja, movido tambem do lepor do hospede.* Victor pella palavrinha *lepor* introduzida pella sua revd.a authorid.e na lingua portugueza.

P.e Andre de Barros. *Vòz em Roma, eco em Lx.a, ou relaçaõ das festas da Canoniz.am de S. Joaõ Fran.co Regis:* Na Dedic. a El Rey D. Joaõ V. = *Seria m.to alheyo da nossa Pied.e naõ buscar Regis ao Regis Augusto.* Hè hereditario o patrimonio dos equivocos em os jesuitas. Jà se tinha tentado

com o nome Regis. O P.e Gonzaga escrevendo a *Relaçaõ da Beatificaçaõ deste santo.* Agora cahe na mesma frioleira o P.e Barros. na *Relaç. da Canon.am do mesmo santo.*

A pag. 14. *Huã aguia piccando aos seus aguiozinhos.* Este diminutivo foi achado no *Diccionario Jesuitico,* q.e hè facundo em semelhantes vocabulos; se queria escrever, como devia, chamara-lhe filhos.

A pag. 142. *Foi elle o Revd.o P.e M.e Tr. Ant.o da Pied.e em tudo grande, e mayor ainda por se fazer menor; nesta ocaz.am porêm foi maximo, porq.e p.a honrar a minima comp.a, quiz subir ao pulpito.* Toda esta impertinente circolucoçaõ, em q.e entraõ de barulho pozitivos, comparativos, e superlativos, se explicava, dizendo, q.e pregava hum religiozo Franciscano.

A pag. 224 = *Seguiose a seu tempo a pregaçaõ; esta tomou á sua conta a Div.a Provid.a* Sem equivoco naõ escreveo jesuita, e por isso sempre mal. Era o pregador o P. Dom Caetano de Gouvea Cl.o Reg.ar Teatino, do qual continua dizendo, *q.e retirado a descançar depois de distribuir luzes a mares, e estrellas de elegancia sem numero.* Confesso q.e naõ entendo este rabo-leva de luzes, mares, e estrellas.

A pag. 247. Se dezatou finalm.te nestes hyperboles sumam.te conceituosos = *Assim os q.e esperavaõ vir concluir nesta tarde este felicissimo octavario, como os q.e vinhaõ na procissaõ, ou se espiritualizaraõ, ou o espaço do templo se allargou; porq.e pareceo impossivel o caberem todos.*

P.e Pedro da Serra. *Oraçaõ funebre nas exequias do felicis.mo Rey D. Joaõ V. recitado na Igr.a de S. Antonio dos Portuguezes,* e impresso em Roma no anno de 1731. A pag. 7. *O alto do Ceo, onde Deos tem a sua caza de prazer... militando na terra, onde D.s tem a sua casa de merecer.* Destas casas foi arquitecto o subtil engenho deste orador.

A pag. 15. *P.a dar huã semelhança da majestade de Roma, corte da Igr.a, e Lx.a sua corte, pôs duas mezas de ouro pello*

m.to q.e dispendeo francam.te cà, e là. Estas duas palavras, sendo agudas p.a os ouvidos, saõ m.to rombas p.a o fecho do periodo.

A pag. 17. = *Termo em q.e sua vida fez alto.* Este termo he prop.o da campanha, e improp.o p.a finalizar a vida. Ultimam.te querendo explicar, q.e ElRey chorava, uzou da seg.te perifrase p.a todos rirem = *Cahindo dos olhos brandam.te, como do Ceo sereno, cristallino orvalho na flor do rosto.*

Feche todo este esquadraõ de jesuitas o maior entre elles na faculd.e de equivocos p.r ser cathedratico de prima o P. Bartholomeo de Vasconcellos, q.e com arte nova converteo os elogios funebres em arengas joviaes, no *Elogio do Bispo de Miranda D. Toribio Lopes,* q.e sahio impresso no tom. 4.o das *Collec. dos docum. da Acad. R.* = *Naõ só teve o nome de pedra branda, e preciosa, mas tambem o preço, a candura, e a estimaçaõ da pedra do mesmo nome. As q.e chamaõ Toribios logràõ taõ altos quilates de valor, e culto na verdadr.a religiaõ, q.e faz delles mysterios a mesma fèe, e a devoçaõ contas, e fez tanta de D.m Toribio D. Joaõ 3.o, que o assinalou, e escolheo p.a pedra fondamental da Igr.a, e Cathedral de Miranda. Nasceo D. Toribio em Candelario, lugar na Diocese de Placencia, e foraõ jà entaõ prognosticos. Placencia de q.e havia de agradar, Candelario de q.e havia de luzir; posto q.e largou o Deado, sempre conservou o titulo, podendo só quadrarlhe o de Bispo Deaõ pello m.to que deo.*

O mesmo no *Elogio do 2.o Bispo de Miranda D.n Rodrigo de Carvalho* = *Em ninguem assentava melhor a mitra desta Dioceze, q.e em D.n Rodrigo, porq.e se a Dioceze era Miranda, D.n Roddrigo era Mirando. Foi filho de Martinho de Carvalho Ribr.o, fidalgo da casa de S. Mag.de, e na Comarca de Lamego contador da sua Real Fazenda, em a qual podia contar tambem a seu mesmo filho, de quem El Rey, como de fazenda mais sua, fez depois a mayor conta. Dizem q.e falleceo em Bornes dr.o de Bragança, e tambem o foi da sua vida, dei-*

xando-nos por ultimo docum.to della, q.e aos golpes da praça naõ resistem os mesmos robres.

O mesmo no *Elogio do terceyro Bispo de Miranda D. Juliaõ de Alva.* Sahio no tom. 10. da *Collec. dos docum. da Acad. Real* = *Nomeou duas vezes Bispo para q.e naõ fosse simples na honra, o q.e era duples no merito. Com a primeira nomeaçaõ Portalegre, ficando mais alegre Porto quando nella aportou, Alva como primeyro resplandor, e rizo do melhor dia podia jactar em D. Juliaõ juntam.te o seu Fulgencio, e o seu Hilario. Bem merecia ser chamado ao Paço para o dar mayor, como deo, nas reaes honras, sendo eleyto Capellam mor del Rey D. Sebastiaõ. Pouco tempo logrou D. Juliaõ esta dignidade como de Paço.*

De taõ prolixa narraçaõ dos vossos authores confesso, R.dos Padres, q.e estou cançado de os relatar, como creio, que estareis envergonhados de os ler. Se o amor proprio naõ vos tem preocupado o juizo, e cego o entendim.to, conhecereis que todos elles se empenharaõ em descubrir equivocos rediculos, metaphoras pueris, e paranomazias jocozas p.a formar os seus discursos, preferindo com indiscreta eleiçaõ o estillo humilde, e jovial ao sublime, e decorozo.

P.a defender a estes reos da Eloquencia Portugueza, accusados no tribunal da critica severa, convocai ao charlataõ, para q.e moendo novas tintas, jà q.e tambem he pintamonas, retrate naõ de morte cor, mas de colorido a estas diformes figuras, que na vossa companhia se chamaraõ historiadores, e pregadores, de cujos originaes tirarà copias para a chronica, q.e lhe està cometida. Convocai a Tertulia Eborense authora da *Conversaçaõ familiar;* ao penitente Fr. Arsenio despojado das *suas reflexoẽs apologeticas;* e naõ esqueça o Filhote, de cuja atafona sahio tanta copia de farellos, que chegaraõ de Lx.a athè Roma; onde em castigo da sua petulante loquacidade foi prohibido p.la sagrada congreg.am do Index por decreto de 22 de fevereiro deste prez.te anno de

1753. Todos estes dissimulados zoilos confuzos, e attonitos com a caudalosa torrente de tantas simplicid.es escritas pellos vossos alumnos confessaraõ involuntariam.te ser impossivel a apologia, e naõ ser reposta esta carta.

Abatei pois R.dos Padres a jactancia, humilhai o orgulho, emendai os defeitos proprios, e naõ censureis os alheos. Aprendei modestia das outras familias religiozas, pois de nenhuã estaõ sahindo as abominaveis satyras de que he perene manancial a vossa religiaõ. Todas concordem.te admiraõ os processos litterarios da congregaçaõ do Oratorio, e som.te vós pellas bocas de varios homiziados, pois se envergonhaõ de serem conhecidos, explicaes o rancor inveterado, que lhe tendes. Goze a sabia, e virtuosa congregaçaõ, como o Olimpo da serenid.e impertubavel, cultivando indefectivam.te os seus estudos, e desprezando as vilissimas sombras da enveja, e da emulaçaõ com q.e inutilm.te se lhe oppoem os seus antagonistas, e se jacte gloriozam.te de que nelles se verificou o vaticinio de David:

Obstructum est os loquentium iniqua.

FIM.

APPENDICE

NOTA. — As cartas que seguem sam relativas á impressão clandestina da *Arte* de Alvarez, a que nos referimos no texto, pag. 7. Como se vê da sua leitura, fazia-se em larga escala contrabando com o livro que as *Instrucções Regias* de 1759 prohibiam que se adoptasse no ensino. Alludem essas cartas a outras, que não logramos descobrir, e estas mesmas saíram-nos da baralha d'um exame de papeis em via de colleccionação e methodização, referentes todos á causa da instrucção em Portugal.

1.ª

Ill.mo Sr. — Estimarei vm.cê tenha perfeita saude em companhia de toda a sua familia. Sn.r desq̃ me apartei da sua prezensa a minha tem sido m.to pouca por iso me vim puxando a esta cid.e de Braga so cá acho q.m me fasa todo o favor q̃ me he percizo do q.l me peza de não comresponder comforme ajustei com vm.ce o prez.te porem vm.ce não continue com a obra p.a diante senão a q̃. lhe for tendo gasto dando-a os freguezes em q̃. eu deitei credito continuando sempre co porte (?) asim recomendo a vm.ce q̃. a de por todo

o preço pagandose do feitio o preço de 120 e p.ª sima porq̃. não sei se D.ª N. Sn.r me dara logar com q̃. eu possa continuar com ela e desta mande reposta da saida q̃. tem tido. deste seu criado *Antonio da Silva.*

Mandeme a reposta em meu nome a casa de Sozana atras de S. Vicente.

2.ª

S.or Manoel Per.ª da Silva. — Meu am.º, e S.or, e m.to da minha veneraçaõ. Tenho feito dilig.ª sobre a impressaõ das Artes, e já tenho not.ª de q̃. se imprimiraõ em Salamanca, e de q̃. o passador dellas he hum homem, q̃. anda pelas feiras com Livrinhos similhantes, o qual se chama Ant.º Corr.ª, ou da Silva, e assiste junto a Bragança, ou em Braga. Elle enganou a hum pobre Livreiro desta terra, deixandolhe algumas p.ª vender, nas quaes já fiz aprehençaõ, e entendo, q̃. seraõ duzentas, poucas mais, ou menos. A carta incluza declara a assist.ª do d.º homem, e eu naõ vou pessoalm.te saber o q̃. vm. determina por me naõ ser possivel, e fico m.to prompto para executar as suas determinaçoens.

D.s g.de a vm. m.s an.s &.ª De vm. m.to afect.º ven.or, e menor S.º *Antonio José da Cunha.*

3.ª

M. R. S.r Luiz Fr.co de Souza. — No correyo passado recebi de Montemor o novo a carta, q̃ remetto a vm. o autor, q̃ naõ conheço, antes me parece q̃ he supposto, e de pouco juizo, me escreveo por saber se aqui se ensinava pelo Alvarez, ou por outros dos seus adjunctos. Respondi em poucas palavras com a Ley, e exactidaõ com q̃ se castigaõ os transgressores. Agora chegou essa trovoada de rompantes fradescos, e no fim a denuncia de hũ clerigo, q̃ talvez seja

inimigo. Q.do vm. puder, dirá a S. Ex.a q̃ mande averiguar a verd.e

Fico para servir a vm. q̃ D.s g.e m.s an.s caza e seg.da fr.a M.to ven.or de vm. *Ant.o Felix Mendez.*

4.a

R. S.r Luiz Francisco de Souza. — Fazendo exame nos caracteres do L.o q̃ vm.ce me remette, acho que elle naõ foy impresso fora do Rn.o mas naõ posso segurar se se imprimio aqui na Corte, ou em Coimbra ainda que mais me inclino a que fosse em Coimbra, pela qualid.e da letra.

Para esta averiguaçaõ requerse mais tempo, e naõ de repente. Para ella deve S. Ex.a mandar examinar os abridores de estampas, q̃ como saõ poucos, se poderá descobrir o que abrio as armas do frontispicio do L.o e mandar chamar os impressores p.a que declarem debaixo de juram.to se conhecem, ou não a letra.

Isto he o q̃ posso dizer nesta matr.a q̃ vm.ce fará prez.te a S. Ex.a D.s g.de a vm.ce m.s an.s &.a Lx.a 3o de Mayo de 1760. M.to ven.or de vm.ce *Fran.co Luiz Ameno.*

Separatas do *Archivo Bibliographico da Bibliotheca da Universidade de Coimbra:*

I — **Uma Biblia Hebraica**, 1903, 1 folh. (16 pag. com grav.), 210×126.

II — **Moedas Romanas** (Ensaio de catalogo), 1905, 1 folh. (74 pag.), 175×99.

III — **As «Horas de Nossa Senhora»**, 1906, 1 folh. (22 pag.), 175×99.

IV — **Philomena de S. Boaventura**, 1907, 1 folh. (39 pag.), 175×99.

V — **Carta exhortatoria aos Padres da Companhia de Jesus da Provincia de Portugal**, 1909, 1 folh. (45 pag.), 175×99.